

O MULTICULTURALISMO NO ENSINO DA ARTE: Relato de atividade pedagógica

TALIA CORTES¹; SIMONE DA SILVA CARDOZO²; KELLY WENDT³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – taliacortes23@gmail.com 1

² Universidade Federal de Pelotas – moneds@hotmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – kelly.wendt@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste meio será apresentado atividades e reflexões em cima da experiência obtida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Mário Meneghetti, situada no bairro Getúlio Vargas de Pelotas. Por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID – Artes Visuais), foi possível acessar e construir a ponte entre escola pública e universidade, que de maneira fundamental corresponde acessibilidade e resposta imediata de uma instituição pública à outra.

Além de facilitar esse intercâmbio de conhecimento, o programa possibilita o desempenho de formação continuada à futuros profissionais da educação, gerando conhecimento da realidade pública para que possam estar colocando em prática a teoria já adquirida pela Universidade Federal de Pelotas para a prática escolar.

Preocupamo-nos com atividades dinâmicas e que conversem com a realidade dos alunos e da área em que se localizam. Deste modo, o PIBID artes visuais, se destina aos educandos sensibilidade em levá-los cultura e conhecimento por meio da educação artística. Através da necessidade e preocupação do contexto sócio político contemporâneo, nada mais importante do que efetivar nossas conquistas e presenças em sala de aula.

Como bolsistas, auxiliamos os educandos quando necessário, contenhemos a experiência como docentes com total autonomia para intervir. Trata-se de um companherismo entre professora regente e bolsistas. Diferentemente de outros grupos de pibidianos que intercalam, ou somente, aplicam na atmosfera escolar como oficineiros que buscam e propõem atividades. Contrapomos a essa ideia e dialogamos como experiência titular de um educando; com conteúdos e atividades mais aprofundadas que fazem parte do entrelaçamento do plano de ensino escolar. Assim participamos ativamente da realidade escolar pública e contribuímos com a permutação da teoria e prática entre Universidade e educandário.

Junto de reuniões e diálogos é possível entrar em acordo com a professora regente, sobre as atividades e conteúdos a serem abordados. Dessa maneira está em processo de acompanhamento o ano letivo de 2019, dos 4º e 5º anos, logo o desempenho individual e coletivo dos alunos são possíveis de observar e interagir, já que o convívio semanal com as crianças possibilita um maior diálogo e atenção às suas realidades cotidianas e necessidades.

Nesta sequência, é viável discutir sobre a identidade profissional junto da formação continuada do educador. Assim como Candau (2014) discute em 'Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas' que discorre sobre esse tema junto do multiculturalismo brasileiro. Já que em nossas atividades três importantes conteúdos estão no plano de ensino: Cultura regional (pelotense), cultura indígena e cultura africana – até o momento do término desse artigo não foi possível a abordagem dos três temas, logo não será transcorrido todos os temas.

Com o começo de atividades e conteúdos sobre a cultura e história pelotense, foram abordados conteúdo como: grafite/pichação, cultura e arte urbana,

patrimônio histórico e pintura. Assim, transcorreu-se a valorização da arte local pelotense e junto disso os conteúdos artísticos que compõe tanto a arte local quanto a arte erudita e/ou presentes em outras culturas.

Logo foi apresentado a cultura indígena para os educandos, e assim, construímos discussões sobre a realidade e o cotidiano das comunidades indígenas.

Como um todo, temos o cuidado de trabalhar de forma clara e consciente com a realidade da comunidade que os rodeia. Respeitando sempre suas histórias, conhecimentos e cultura que os envolve. Pois, todos carregamos uma bagagem cultural a ser respeitada.

Portanto, para abordar este assunto será relatado experiência cultural indígena abordado em sala de aula e a identidade construída como futuras docentes.

2. METODOLOGIA

Importante antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997), discute em sua obra O Povo Brasileiro (1995) sobre os povos que compuseram a colônia brasileira. Propondo, então, uma nova raça humana: raça homogênea, misturada, a brasileira. É de se concordar com esse multiculturalismo existente no país continental, ainda, Ribeiro discute sobre os povos indígenas e que eles têm “necessidade de beleza” e, por isso, utilizam-se de adornos e outros materiais para compôr suas expressões corporais. Logo o método de pintura corporal foi incorporada como atividade pedagógica e usada em sala de aula.

Visto que cada grupo indígena produz desenhos diferenciados, cada um com seu sentido e de uso variado de materiais, foi exposto e explicado para os alunos essa diversificação. Essas pinturas podem servir-se para preparativos de festajem, comemorações, ritos, preparações de guerras e tantas outras com seus respectivos significados.

Com o auxílio de aparelhos tecnológicos para a apresentação de imagens do conteúdo abordado, atravessou-se o embasamento teórico e a explicação dos significados das pinturas corporais. Desta forma, fundamentando a importância da cultura indígena e sua forte cultura presente em nosso cotidiano foi discutido, também, a miscigenação do nosso país e o papel importante dos nossos povos nativos e suas histórias de luta e resistência para a composição do nosso país.

As turmas possuem variedades de faixa etária, assim, torna-se difícil o agrado da maioria dos educandos, entretanto a atividade proposta foi a de maior aceitação pela turma. Fez que todos participassem e colaborassem com a atividade. Em si, o desempenho do exercício compreendia em criar símbolos/desenhos que os identificassem, ou seja, que fossem parte deles, que eles gostassem e fossem como forma deles se expressarem. Em seguida esses desenhos seriam pintados no corpo das crianças, pelas próprias, com alusão as pinturas corporais realizadas em ritos e/ou comemorações indígenas.

Contando com pincéis e tinta guache, após o rascunho dos desenhos nas folhas de ofício foi transposto para a pele a criação de tais. Tornou-se uma experiência coletiva, todos compuseram uma harmonia com suas pinturas. Uns ajudavam aos outros quando necessário sem decorrer de ocorrências desnecessárias como tinta no cabelo ou nas paredes de sala de aula. A liberdade

de pintar no corpo fez que eles se organizassem da maneira que sempre é solicitada pela maioria dos professores; disciplina, foco e desempenho da atividade.



(Imagem 1: Simone da Silva Cardozo Pintura Corporal, foto, 2019)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensando sobre a cultura indígena

(..) a desintegração de uma cultura sob o efeito destruidor da dominação técnico-civilizacional é uma pena para toda a humanidade, cuja diversidade cultural constitui um dos mais preciosos tesouros. (MORIN, 2004; p.57)

Edgar Morin (2004) ao identificar a cultura ele considera que ela conserva a identidade humana no viés específico social para salvar e guardar a identidade singular da época, local e povo. Sendo composto

(...) pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas. (MORIN, 2004; p.56)

Portanto, transmitir o conhecimento de culturas nada mais é do que conservá-las e justificá-las no desempenho cultural contemporâneo.

Para a pesquisadora Candau, uma de suas preocupações era em que vivemos em uma sociedade multicultural com uma educação homogeneizadora. “Para tal, encara os sujeitos da educação como iguais e chamados a adquirir uma cultura comum, fortemente valorizada para a construção de uma identidade nacional” (CANDAU, 2014; p.35). Desse modo é encarado esse multiculturalismo com a chamada para a escolarização, “mas sem que se problematize o caráter monocultural”. Ainda, a educadora Emilia Ferreiro (2001 apud CANDAU 2014 p.35) ratifica que a escola pública vem com o intuito de gerar uma única cultura, um povo, uma nação: “Se os cidadãos eram iguais diante da lei, a escola devia contribuir para gerar estes cidadãos, homogeneizando as crianças, independentemente de suas diferenças de origem.”(2001, Apud CANDAU, 2014). Logo é possível de

concluir que compartilhamos de um combate já previsto por Emilia: “Transformar a diversidade conhecida e reconhecida em uma vantagem pedagógica: este me parece ser o grande desafio do futuro (FERREIRO apud LERNER, 2007, p. 7)

Realmente, é um desafio a ser encarado com responsabilidade e ética. Diferentes culturas são constituídas pelo Brasil, e é a partir delas que nos globaliza, como proposto por Ribeiro, e faz de nós uma nova raça; a brasileira. Por isso, ao mostrar e conhecer outras culturas junto aos educandos nos dimensiona para uma experiência ativa, do individual para o coletivo. É dessa maneira que se deve favorecer espaços para expressar culturas, situando o contexto difuso e histórico para poder ter uma “consciência da construção da nossa própria identidade cultural” (CANDAU, 2014; p.38)

4. CONCLUSÕES

Ter presente práticas educativas que apresentem diversas culturas que compõe a ‘homogeneização’ educacional faz parte de

(..) todo um processo de desconstrução de práticas naturalizadas para sermos educadores capazes de criar novas maneiras de situar-nos e intervir no dia a dia de nossas escolas e salas de aula. (CANDAU, 2014; p.39)

Considero professores como “agentes socioculturais” por, justamente, valorizar as diversas culturas, apresentá-las e pôr elas em prática pedagógica. Agindo dessa maneira é importante ressaltar a transmissão dos conteúdos sem valores preconceituosos ou discriminatórios, pois contribuímos para a formação de cidadãos e opiniões. As atividades contribuíram para a reflexão, compreensão e experiência da cultura diferentemente das quais já conhecidas ou agregadas popularmente. Logo praticar, pesquisar e conhecer outra cultura é agregar em conhecimento e desfazer visões superficiais e errôneas.

Contudo, esse processo de introdução da diversidade brasileira constitui uma nova perspectiva e ajuda na construção identitária de futuras profissionais. Considerando que somo agentes de construção de novos pensadores que compõe respostas com embasamento histórico e de significância luta-se pelas questões atuais em que o contexto sociocultural se encontra. Acreditamos que é pela educação que se faz a diferença.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas**. Educação, vol. 37, núm. 1, enero-abril, pp. 33-41. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

MORIN, Edgar. Ensinar a condição humana. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo; Editora Cortez, 2004. Cap. 3, p. 47-61

RIBEIRO, Darcy. A Matriz Tupi. **O Povo Brasileiro**. São Paulo; Companhia das Letras, 1995. Cap 1, p. 31-36.